

IDENTIDADE SEXUAL E PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL: UMA INVESTIGAÇÃO-AÇÃO COM ADOLESCENTES NO BRASIL

Marcelino Viana da Silva Neto

Doutorando, CIEC, Instituto de Educação
Universidade do Minho, Braga, Portugal
marcelinovsneto@gmail.com

Andrea Stopiglia Guedes Braide

Docente da Escola de Saúde Pública do Ceará, Brasil
andreasgbraide@gmail.com

Zélia Ferreira Caçador Anastácio

Docente CIEC, Instituto de Educação
Universidade do Minho, Braga, Portugal
zeliarf@ie.uminho.pt

Recepción Artículo: 27 octubre 2021

Admisión Evaluación: 27 octubre 2021

Informe Evaluador 1: 28 octubre 2021

Informe Evaluador 2: 29 octubre 2021

Aprobación Publicación: 30 octubre 2021

RESUMO

Num projeto de Psicomotricidade Relacional tratava-se, a princípio, da temática da violência. Os profissionais, figuras masculina e feminina, depararam-se com uma distorção no movimento específico das adolescentes: não havia espaço para o afeto e detectou-se que era em virtude dos modelos referenciais da vida, impulsionando distorções quanto à sexualidade. Encontrado um novo e interessante foco de investigação, questionou-se sobre como a intervenção Psicomotora Relacional poderia contribuir para que as adolescentes encontrassem a harmonia nesse movimento e evoluíssem nas suas respetivas identidades sexuais, encontrando o lugar de afeto junto aos adultos. A forma como a intervenção profissional dos Psicomotricistas Relacionais autoriza e reconhece o potencial da pessoa em atendimento é fundamental para fazer evoluir as bases dessa identidade. Depois de encontrada e estabelecida a comunicação não verbal no *setting* de trabalho, é possível ao Psicomotricista Relacional abrir o espaço para que, de maneira desculpabilizada, as adolescentes passem a brincar com a agressividade, a afetividade, a feminilidade, a sensualidade, a cumplicidade feminina, etc., alcançando o ajuste positivo no quotidiano real. Seguiu-se uma metodologia qualitativa (investigação-ação), cujo objetivo consistiu em analisar os efeitos da Psicomotricidade Relacional no ajuste positivo da identidade sexual. A amostra incluiu 10 adolescentes de 12 a 16 anos, de uma escola pública de Fortaleza, Brasil. A intervenção durou um período de 6 meses, com 1 encontro semanal de 1 hora cada. No fim do projeto constatou-se um ajuste nos movimentos das adolescentes, redescobrimdo e internalizando novos modelos e referenciais a partir das vivências simbólicas da

IDENTIDADE SEXUAL E PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL: UMA INVESTIGAÇÃO-AÇÃO COM ADOLESCENTES NO BRASIL

Psicomotricidade Relacional. O tema é de muita relevância para educadores, profissionais que desenvolvem trabalhos diversos, em especial, com adolescentes, profissionais da saúde e da Psicomotricidade Relacional, principalmente porque expõe a necessidade de se abrir espaços complementares seguros, para que as adolescentes possam vivenciar a afirmação da própria identidade de forma segura e saudável.

Palavras-chave: adolescência; identidade sexual; psicomotricidade relacional; investigação-ação

ABSTRACT

Sexual Identity and Relational Psychomotricity: an action-research with adolescents in Brazil. In a Relational Psychomotricity project, the theme of violence was dealt with at first. The professionals, male and female figures, came across a distortion in the specific movement of the adolescents: there was no place for affection and it was detected that it was due to the referential models of life, leading to distortions regarding sexuality. Having found a new and interesting focus of investigation, the question was asked about how the Relational Psychomotor intervention could contribute so that the adolescents could find harmony in this movement and evolve in their respective sexual identities, finding the place of affection with the adults. The way the professional intervention of the Relational Psychomotor therapists authorizes and recognizes the potential of the person being attended is fundamental to evolve the bases of this identity. Once the non-verbal communication has been found and established in the work setting, it is possible for the Relational Psychomotricist to open the space so that, in an excused way, the adolescents may start to play with their aggressiveness, affection, femininity, sensuality, feminine complicity, etc., reaching the positive adjustment in the real daily life. A qualitative methodology (action-research) was followed, whose objective was to analyze the effects of Relational Psychomotricity on the positive adjustment of sexual identity. The sample included 10 adolescents from 12 to 16 years old, from a public school in Fortaleza, Brazil. The intervention lasted a period of 6 months, with 1 weekly meeting of 1 hour each. At the end of the project an adjustment in the adolescents' movements was observed, rediscovering and internalizing new models and references based on the symbolic experiences of Relational Psychomotricity. The theme is very relevant for educators, professionals who develop various works, especially with adolescents, health professionals and professionals of Relational Psychomotricity, mainly because it exposes the need to open safe complementary spaces, so that adolescents can experience the affirmation of their own identity in a safe and healthy way.

Keywords: adolescence; sexual identity; relational psychomotricity; action-research

INTRODUÇÃO

Este artigo evolui nas perspectivas de apoio entre adultos e jovens para a organização de referenciais positivos para a vida, a partir da observação/intervenção teórico-vivencial da Psicomotricidade Relacional de Andre Lapierre. A forma como a intervenção profissional autoriza e reconhece o potencial da pessoa em atendimento é fundamental para fazer evoluir as bases desta identidade.

O tema é de muita relevância para educadores, pessoas que desenvolvem trabalhos, em especial, com adolescentes, psicanalistas, profissionais da saúde e da Psicomotricidade Relacional – principalmente os homens –, porque expõe indícios de como é importante a presença e a intervenção das figuras masculina e feminina para que se possa vivenciar a identidade de forma saudável, equilibrada, encontrando um referencial de segurança.

Não há a intenção, neste artigo, de comparar a intervenção masculina com as intervenções da profissional mulher, mas de mostrar que a valorização dos *gêneros complementares* profissionalmente é constitutivo de uma estrutura de personalidade saudável. Cada Psicomotricista Relacional, seja homem ou mulher, tem a sua importância e os dois se complementam nessa prática. Além disso, não se propõe analisar questões inerentes à diversidade em torno do tema gênero que faz parte da constituição social atual e merece as devidas políticas públicas de respeito, informação e inclusão, mas sim abordar as intervenções da Psicomotricidade Relacional numa necessidade específica de um grupo em atendimento.

Num projeto de Psicomotricidade Relacional sobre violência, numa escola pública de Fortaleza, surgiu o

desafio de se trabalhar com adolescentes de 12 a 16 anos. Iniciado o projeto, naturalmente surgiram demandas no grupo, mas algumas chamaram mais atenção, como o movimento das adolescentes do grupo, algumas com distorções quanto à sexualidade, outras com dificuldades de socialização em virtude da timidez e inibição, que foram pontos latentes. Questionou-se, então, sobre como a intervenção psicomotora relacional poderia contribuir para que elas se apropriassem e se afirmassem no universo feminino e encontrassem um equilíbrio nesse movimento para, então, evoluir. Como o titular do grupo era uma referência masculina, as análises predominam sobre os efeitos das intervenções do profissional para o crescimento de cada uma das participantes, considerando também a presença afetiva das figuras masculinas paternas simbólicas, complementando a visão em torno do afeto feminino, mais enfático em teorias da formulação do vínculo no desenvolvimento humano.

Para um suporte teórico, encontrou-se uma interseção entre as demandas presentes e os conceitos teórico-práticos de André Lapierre sobre a atuação do profissional Psicomotricista Relacional, seguindo uma sequência de estudo, englobando e estabelecendo as diferenças entre Gênero e Sexo. Em seguida, discorreu-se sobre Atribuição, Núcleo e Papel do gênero, relacionando com o social e o fator cultural. Incluíram-se também os conceitos de Corporalidade e Identidade para esclarecer, enfim, o relato de experiências e as observações sobre as intervenções na Psicomotricidade Relacional, objeto desta pesquisa.

OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

Este estudo tem como objetivo principal avaliar como a intervenção da Psicomotricidade Relacional pode apoiar jovens na afirmação da própria identidade, considerando as necessidades específicas de um grupo de 12 a 16 anos de uma escola pública de Fortaleza, Brasil.

Como objetivos específicos, definem-se os seguintes:

Enfatizar a comunicação não verbal, aumentando a fluidez nas comunicações autênticas;

Investir no prazer de ser, conviver e partilhar, reduzindo o estresse por meio do brincar;

Desencadear um diálogo igualitário com ênfase em ações coerentes para as relações sociais;

Investir na inclusão da afetividade como estratégia de aprendizagem e socialização do conhecimento.

AMOSTRA E PARTICIPANTES

A amostra envolveu um grupo de 10 adolescentes de 12 a 16 anos, de uma escola pública do município de Fortaleza, Ceará/Brasil, durante um período de 6 meses, com 1 encontro semanal de 1 hora cada.

METODOLOGIA E INSTRUMENTOS

O relato de experiência partiu de uma intervenção-ação, analisando os impactos da Psicomotricidade Relacional no fortalecimento da identidade e afirmação da mesma na vida do indivíduo. No projeto de Psicomotricidade Relacional tratava-se a princípio da temática da violência e, no grupo, havia meninos e meninas. Porém, os profissionais, figuras masculina e feminina, depararam-se com uma distorção no movimento específico das adolescentes do grupo: não havia espaço para o afeto e detectou-se que era em virtude dos modelos referenciais da sua vida, impulsionando distorções quanto à sexualidade.

A metodologia de investigação-ação traz à tona dois protagonistas, adultos e crianças com o princípio da regulação corporal inconsciente, ou seja, das emoções. O investigador sai da condição de neutralidade para o compartilhamento dos valores em análise e para validar as ações positivas do grupo no processo evolutivo do trabalho.

Este estudo, seguindo os protocolos éticos, foi submetido, na ocasião, aos comitês de ética e pesquisa do Centro Internacional de Análise Relacional e da Faculdade de Artes do Paraná, instituições promotoras da formação profissional em Psicomotricidade Relacional no período.

RESULTADOS

Segundo Lapierre e Aucouturier (1984), é evidente que, para que a identidade possa aparecer, o corpo deva ser previamente reunido numa imagem global. Esta imagem, aparece por volta de 8-9 meses, durante o estágio do espelho, mas é ainda muito imperfeita e deve ser periodicamente reforçada. São as experiências motoras da criança, principalmente as experiências “globalizantes”, nas quais o seu corpo está totalmente envolvido, que vão permitir-lhe esta totalidade.

Propõe-se, então, com a Psicomotricidade Relacional, um espaço para, a partir do jogo espontâneo, a criança, o jovem, o adulto resgatarem o poder, a autonomia, as relações afetivas, trabalharem a agressividade e vivem em suas identidades de forma global.

No período de 6 meses, foi realizado um trabalho de Psicomotricidade Relacional, referente a estágio profissionalizante, numa escola pública de Fortaleza, Ceará/Brasil, como parte de um projeto sobre a violência. A intenção inicial era trabalhar a violência dos participantes dos grupos e proporcionar-lhes uma via para transformá-la numa agressividade positiva e construtiva a partir da proposta da Psicomotricidade Relacional.

Segundo Vieira, Batista e Lapierre (2005), a Psicomotricidade Relacional é uma prática em que, através do jogo espontâneo, o corpo participa em todas as suas dimensões, privilegiando a comunicação não-verbal. Através de situações lúdicas e dinâmicas, joga-se com o corpo em movimento, buscando introduzir situações nas quais sejam expressos atos desencadeados por sentimentos, que somente mais tarde traduzirão em termos conscientes, as emoções em que se originaram, ou seja, num primeiro momento de forma impulsiva e inconsciente, para depois chegar ao consciente.

Foi escolhido, então, um grupo de jovens com idades entre 12-16 anos, com 16 participantes de ambos os sexos. Na primeira sessão, foi proposto apenas um trabalho de reconhecimento do *setting* e da proposta da Psicomotricidade Relacional, além de um momento para uma observação inicial do grupo. Para isso, escolheu-se as bolas como material, já que são objetos de mediação, são de plástico, de cores vivas e de contacto agradável (Lapierre, 2002).

Pela movimentação das meninas observou-se um desejo de aproximação corporal e de afirmação em relação ao profissional. Isto é normal inicialmente, já que um adulto disponível para brincar atrai de facto os jovens para a quebra dos paradigmas que os separam no cotidiano. Porém, continuou o jogo e, nas sessões subsequentes, uma das participantes do grupo entrou num movimento contagiando outras para uma dança sensualizada. Foi nesse momento que o profissional percebeu a dificuldade de conexão das meninas com o movimento lúdico, pueril e a estereotipação do movimento corporal real da vida. Assim, o Psicomotricista Relacional poderia contribuir para o equilíbrio da identidade daquelas meninas, já que algumas estavam presas a um movimento sensual desorientado. Era preciso mostrar o quanto elas são importantes e cheias de vida. A figura do profissional autorizando esta autoafirmação, validando este poder de mulher, seria realmente importante para elas.

A intenção passou a ser estimular também as meninas a não repetirem as histórias parentais de submissão, de limitação do feminino, de negação, condicionadas por esse fator cultural, e abrir caminhos para que elas buscassem ser protagonistas das suas próprias histórias, superando a realidade social de cada uma ligada a problemáticas sociais graves como a gravidez precoce e a prostituição.

Nas sessões posteriores, procurou-se utilizar materiais que expressassem a identidade feminina, sem deixar de lado a valorização também do masculino pela característica de ser um grupo misto e pelo facto de que interagir com os meninos ajudaria nesse crescimento delas. Foram utilizados materiais como bambolês, que permitem manifestações de ser contido, protegido, além de estimular o movimento mais sensual e expressar os limites em relação ao vínculo afetivo com o profissional. Assim como a bola, os bambolês (ou arcos como se fala noutros países) possuem também uma função feminina, materna, podendo representar simbolicamente o ventre da mãe (Vieira, Batista & Lapeierre, 2005). Postos os limites, utilizou-se outros materiais que estimulassem o poder, como bastões; a disputa, como as cordas, em que as meninas poderiam medir forças com os meninos, entre outras combinações. Para elas, a participação da figura masculina e o estímulo ao competir eram de grande valia.

Elas se sentiam valorizadas e importantes. Percebeu-se que havia um crescimento gradativo e elas estavam mais seguras na relação entre elas mesmas, com os meninos – até mesmo quando era provocado o jogo diretivo de competição com eles – e com o profissional.

Numa vivência com tecidos e cordas, as meninas foram construindo uma passarela de moda. Aos poucos, entraram no movimento simbólico, divertido e com a autorização dos referenciais de segurança, neste caso, as figuras masculina e feminina presentes no *setting* para esse objetivo. Entraram de forma linda no jogo e se apropriaram do poder, da autonomia, da beleza. Os profissionais entraram também no jogo e passaram pela passarela com cada uma delas. A segurança por estarem vivenciando tudo aquilo com a cumplicidade e valorização dos adultos era de quem realmente estava vivendo a autonomia para crescer. Eram adolescentes-mulheres. Os profissionais integraram o grupo também com a participação dos meninos para uma vivência coletiva saudável e de crescimento.

A partir de então, as meninas e o grupo puderam sair do movimento repetitivo e evoluir. Passaram a ser mais cúmplices, a viverem os espaços compartilhados, a viverem a beleza, a transgredirem quando necessário e, no caso das participantes, a disputarem com os meninos de igual para igual, sem diferenças, afirmando a própria identidade. Algumas conseguiram mais rapidamente, outras precisariam de mais tempo. Porém, haviam integrado a importância daquele conteúdo de identidade, só precisavam mesmo de um tempo. A presença da figura masculina do profissional juntamente com a figura feminina, no começo, eram constantemente solicitadas como uma aprovação às ações, até ao momento em que não foi mais preciso e cada uma podia viver o que precisava – entrando na vivência infantil e pueril e na vivência adolescente – com equilíbrio.

DISCUSSÃO

Esta intervenção, sob a égide de uma investigação-ação, evidenciou o potencial da psicomotricidade relacional na modificação das distorções sexuais e na construção da identidade das adolescentes.

Gênero e Sexo

Para uma fundamentação inicial, considera-se importante diferenciar os conceitos de gênero e sexo, já que o objeto de estudo se centra nesta relação. Para chegar a uma diferenciação satisfatória, recorre-se aos conceitos dicionarizados. No dicionário Silveira Bueno gênero é o “conjunto de seres ou coisas que apresentam qualidades semelhantes; propriedade que os substantivos possuem de indicar o sexo pela terminação ou pela significação.”, já sexo é tratado como conformação característica que distingue macho e fêmea nos animais e nos vegetais; conjunto das pessoas que têm a mesma conformação física (Bueno, 1989, p. 753).

Ainda na busca de elucidar esses conceitos, Robert (*cit in* Bleichmar, 1972, p. 32) afirma que “só concebe o gênero, em sua relação com a diferenciação sexual, em termos exclusivamente gramaticais: o pertencer ao sexo masculino e feminino ou a coisas neutras”. Não necessariamente, para esta visão gênero implica sexo. Sexo passa a ser referência a homem e mulher, o que os torna diferente desde a questão das genitálias até as designações como o forte e o frágil.

Com os avanços dos estudos da Medicina e da Psicanálise, gênero e sexo adquirem uma nova formatação e, para entendê-la, é preciso compreender os conceitos de significante e significado.

Segundo Saussure (*cit in* Carvalho, 1997), pai da Linguística, significante e significado são extremamente dependentes e inseparáveis, o conceito de um implica diretamente o conceito do outro. O significante é, por exemplo, a imagem acústica de algo transmitido por impressão psíquica para um falante de uma língua, que, então, evoca o significado, representações possíveis desta imagem acústica; em outras palavras, um significante *casa* pode gerar significados como abrigo, lugar para viver, estudar, descansar (Carvalho, 1997).

Desta forma, caracteriza-se o gênero como significante, ou seja, uma extensão cultural, as marcas da anatomia psicológica e sexual e o que se predispõe ao homem a partir das crenças de nossa cultura; e sexo como significado, isto é, representações possíveis deste significante, o contraste entre virilidade e fragilidade, entre masculinidade e feminilidade entre outros (Bleichmar, 1988).

Atribuição, Núcleo e Papel de Gênero

Segundo Bleichmar (1988), a rotulação que médicos e familiares realizam do recém-nascido converte-se no primeiro critério de identificação de um sujeito e determinará o núcleo de sua identidade de gênero.

Para a concepção de núcleo de identidade, serão necessários fatores biológico-anatômicos e psicológicos. A partir do nascimento, a criança terá o contato sensorial com os seus órgãos genitais – facilitado pela mãe que, através do contato corporal, proporciona a erotização das partes íntimas, favorecendo o reconhecimento destas pela criança – os quais determinarão biologicamente a sua futura identidade. A concepção psicológica parte da consciência inicial de menino ou menina, o que aparece bem antes da concepção de virilidade e de feminilidade. Esta feminilidade depende, de forma mais complexa, da consciência da criança do que os pais esperam dela enquanto comportamento masculino ou feminino.

As relações parentais, o primeiro contato com a mãe, a validação do pai, ajudam na definição deste núcleo de identidade. Vale destacar que não se trata de um fator apenas anatômico nem biológico. Há um registro também arcaico de forma que um travestido, por exemplo, por mais que aja como mulher, nunca se esquece de que é um homem, porque fora criado assim, bem como uma criança que nascera com os caracteres masculinos, que tenha sido criada como tal, por mais que não apresente o pênis, terá a consciência de sua masculinidade (Bleichmar, 1998). Neste momento, há a consolidação da identidade.

É importante salientarmos que há, após a identificação com o biológico-anatômico, a problemática do fantasma da castração. Para as meninas já maiores, lidar com isso na sessão de Psicomotricidade Relacional é muito importante. Em vivências com bastões, por exemplo, elas assumem o poder fálico e podem lidar com este fantasma de forma equilibrada, desafiando os garotos do grupo e assumindo o seu poder numa sociedade que, apesar das evoluções, predomina no machismo e nas desigualdades. O olhar do homem Psicomotricista Relacional nestes casos ajuda as meninas – através da validação, da provocação, do contacto corporal desculpabilizado, do conflito intermediado por este objeto fálico – a se apropriarem cada vez mais do próprio núcleo de identidade – às vezes, enfraquecido por algum motivo na sua história de vida – e a se afirmarem também, através da força, diante deste adulto masculino. Noutras vivências, a validação desse poder vai ocorrer de outras maneiras, como veremos mais adiante no relato de experiências em grupo. Elas têm a oportunidade, através do jogo simbólico e da intervenção do Psicomotricista Relacional, de reconhecerem o seu papel e a sua construção feminina.

Com relação ao papel do gênero, é tudo aquilo que é determinado socialmente, culturalmente a partir do biológico. Num grupo social, numa determinada comunidade, o gênero tem os seus atributos, direitos e deveres, e cabe a ele aceitá-lo ou não. O gênero feminino, por exemplo, desempenhava atividades tidas como sem importância, mas consideradas positivas e espelhadas nas relações familiares, principalmente entre pai e mãe.

Com o advento dos movimentos feministas, a mulher passou a reivindicar direitos iguais para os gêneros feminino e masculino. Entretanto o papel do gênero ainda é rotulado em alguns casos por um fator cultural e quanto mais cedo uma mulher tiver a oportunidade de trabalhar a sua identidade, melhor desempenhará a sua função, seja ela qual for. Segundo Penna (1989), não é possível afirmar-se, como a sociedade fez anteriormente, quais seriam, por exemplo, as profissões mais adequadas à mulher. A atividade mais indicada para uma determinada mulher é aquela para a qual ela própria sente e pensa que tem aptidões, sem violentar-se física e psicologicamente. A decisão está, portanto, no âmbito da sua consciência. É preciso, porém, conhecer as principais motivações da personalidade e procurar desenvolver as habilidades naturais.

Dessa forma, com a Psicomotricidade Relacional, a menina pode vivenciar momentos mais harmoniosos com o masculino e até desafiá-lo, assumindo o seu poder, pois trata-se de um método que proporciona um espaço de legitimação dos desejos e dos sentimentos, no qual ela pode se mostrar na sua essência, com seus medos, desejos, fantasias e ambivalências, na relação consigo mesma, com o outro e com o meio, potencializando o desenvolvimento global, a aprendizagem, o equilíbrio da personalidade e facilitando as relações afetivas e sociais. Segundo Bellaguarda, este espaço propicia um crescimento progressivo em termos da utilização positiva do Poder Pessoal que cada um carrega, fazendo com que o encontro de pessoa para pessoa aconteça com um

forte sentimento de comprometimento e sinergia, os quais desencadeiam atitudes essencialmente criativas (Batista, 2001).

Corporalidade e Identidade Feminina

O corpo em nossa formação social é fundamental. Através dele, estabelecemos o contacto e as ligações de complexidade entre o eu e o ambiente, construindo, assim, as relações entre o anatômico, o emocional e o cognitivo no mundo.

Experimentamos a vida como um fluir no tempo, e o tempo significa uma sucessão de momentos a serem vivenciados. As experiências de vida adquiridas ao longo desse tempo levam-nos a criar uma consciência de nosso próprio corpo. Esta consciência de ser é criada a partir das condições trazidas pela inserção da mente numa corporeidade (Penna, 1989).

A mulher, no decorrer dos tempos, tem buscado condições sociais melhores, tomando consciência de que é capaz de se destacar na profissão, na família, nas relações – o corpo é a “via de acesso” a essa tomada de consciência e o lugar onde se mantêm os registos da vida em níveis inconscientes, designados memórias corporais. Muitas mulheres buscam transpor os princípios mais arcaicos de educação – a mulher como inferior ao homem – encontrar uma orientação mais consciente e desenvolver o seu potencial mais criativo – há a presença, assim, do princípio simbólico do *animus* inconscientemente, o que a faz forte e decidida a lutar pela liderança e pelo seu espaço na competitividade com os outros (Batista, 2005).

É significativo esclarecer que a identidade social é construída por várias outras. Um sujeito social apresenta-se em diferentes situações e posições acionando diferentes identidades selecionadas do conjunto de identidades que constituem a Identidade Social. Para as mulheres, tradicionalmente, as referências que compuseram esta identidade eram fundamentalmente as de filha, esposa e mãe (Bandeira & Siqueira, 2003).

A família, base deste conceito cultural, preocupa-se, desde cedo com a forma de a sociedade agir sobre o corpo e sobre a mente e, portanto, passa a ser uma grande influenciadora da diferenciação entre os géneros masculino e feminino, destacando, desde cedo, uma relação de poder e dominação, em que a mulher é mantida em posição inferior ao poder do homem.

A partir da expressiva entrada das mulheres no espaço considerado como da produção nas últimas décadas, a identidade feminina passa a incorporar o referencial da profissão. Esta nova objetividade aciona um leque de novos elementos, tanto no palco das concretidades, quanto no das subjetividades e das representações sociais. Assim, as mulheres passam a atuar, a serem identificadas socialmente e a se autoidentificarem como profissionais, além de continuarem a ser esposas e mães. Isso é o retrato do desejo da mulher de se ligar a atividades inovadoras e da ambição de uma autorrealização.

Segundo Penna (1989), o risco de dissociação psíquica está presente para qualquer pessoa que se aventure em caminhos antes proibidos em seu mundo inconsciente. No caso da profissionalização da mulher, as atitudes importantes para sua adaptação conflitam com quase tudo que ela precisou aprender. Assim, a meiguice, a modéstia, o espírito de submissão e de serviço que são altamente desejáveis nas funções familiares, de acordo com os velhos ensinamentos femininos, deixam de ser úteis no mundo do trabalho.

Hoje, as atenções sociais voltam-se para uma mulher mãe, esposa, amante, agregada ainda a uma boa profissional. Desta maneira, o excesso de exigências aumenta as dificuldades de construção e autoconstrução da identidade feminina. Por isso, a mulher deve estar de bem consigo mesma e equilibrada para evoluir dentro do ritmo que vem estruturando. A falta de sintonia consigo mesma, leva a mulher, ou qualquer pessoa, a desempenhar atividades seja na infância, na adolescência, ou na fase adulta, sem crescimento, desordenadamente, inclusive a maternidade.

Relações entre a Intervenção Psicomotora Relacional e a Afirmação da Identidade

Visando fundamentar este trabalho com ênfase na Psicomotricidade Relacional, foi realizada uma breve entrevista sobre a temática em estudo com José Leopoldo Vieira, Diretor Geral do Centro Internacional de Análise Relacional.

Em sua fala, Leopoldo destaca que a figura masculina do profissional diante das mulheres, age no sentido de validar e reconhecer o poder feminino, autorizando que elas se permitam viver o prazer do corpo de que necessitam através do jogo simbólico.

Depois de encontrada e estabelecida a comunicação não verbal é possível ao Psicomotricista Relacional provocá-las para que, de maneira desculpabilizada, passem a brincar com a agressividade, com a afetividade, com a feminilidade – a sensualidade, a cumplicidade feminina, a maternagem -, a transgressão, etc, diante da figura masculina. A intervenção masculina é necessária porque está ligada à figura paterna tão importante à assunção da feminilidade. Embora o Psicomotricista Relacional se perceba implicado nessa relação transferencial paterna, posta em ato pelas mulheres, ele não assume o papel de pai, pois a despeito de se utilizar dessa condição transferencial como forma de intervenção ele não joga o pai simbólico (Fala de Leopoldo Vieira).

De acordo com Leopoldo Vieira, os Psicomotricistas Relacionais homem e mulher possuem suas especificidades e a presença das duas figuras, juntas ou separadas no *setting* da prática, permitem que os participantes se situem sobre a posição que ocupam em suas relações com o feminino e com o masculino, e a figura masculina é um representante da lei, importante para que se integrem os limites estruturantes e que assegurem a possibilidade de desejar.

O desejo “de ser” é posto em movimento na medida em que o limite simbolizado através da presença e atuação estruturante da figura masculina não seja nem permissivo nem autoritário. Embora seja essa sua função primeira, o Psicomotricista Relacional joga também com outros conteúdos conforme a necessidade e demanda do grupo com que trabalha. Ele é também continente afetivo e de segurança, é parceiro nos jogos de agressividade, de disputa, de dominação, de afirmação do poder, de identificação masculina, de reconhecimento do feminino, em relações de acordo e de desacordo, em relações conflituais com o poder masculino, entre outros. Uma outra função sua é ajudar o participante a correr riscos, a ousar, a ser criativo, a reconhecer, a assumir e integrar o seu poder para finalmente ascender significativamente ao social e ser protagonista da sua própria história (Fala de Leopoldo Vieira).

Sobre a importância do papel masculino do Psicomotricista Relacional na escola e na clínica e a relação com a problemática edípica, Leopoldo Vieira afirma que, na escola – espaço predominantemente feminino – a menina encontra no profissional, no *setting*, a possibilidade de brincar e de se relacionar ludicamente com a figura masculina, podendo crescer nos aspectos cognitivo, afetivo e emocional, em suas potencialidades e sentir-se autorizada a desenvolver mais a convivência social.

Após vivenciarem simbolicamente, na sessão de Psicomotricidade Relacional, situações de afirmação e de segurança na relação com o masculino, algumas meninas passam a assumir na vida atitudes de afirmação positiva perante as figuras de poder – pais, diretores/as, professores/as, amigos/as, irmãos/as, etc (Fala de Leopoldo Vieira).

Na clínica, a criança traz a sua problemática familiar através do discurso corporal. Segundo Vieira, o sintoma da criança é quase sempre o sintoma dos pais. É necessário observar em que lugar se situa a criança no desejo dos adultos.

Em geral não existe uma fórmula que defina como os Psicomotricistas Relacionais devem ser posicionar diante das crianças, posto que isso depende do nó conflitual de cada uma. O psicomotricista relacional em relação a uma paciente menina, deve inicialmente e a despeito das particularidades de sua problemática, situá-la no lugar que uma menina deve ocupar junto à figura paterna. A importância do olhar masculino para o desenvolvimento saudável da menina é fundamental, pois sem esse reconhecimento ela não se sentirá capaz de se aventurar no mundo das relações (Fala de Leopoldo Vieira).

Com relação à problemática edípica, a menina substitui o primeiro objeto de amor que é a mãe, trocando-a pelo pai, passando a competir pelo espaço da mãe junto ao pai.

Para lidar com essa questão no espaço simbólico, o psicomotricista relacional deve permitir à menina disputar com a figura feminina o seu lugar privilegiado junto a ele, jogando com o papel daquele que reconhece na menina as semelhanças dela com a figura feminina. Na vida real, o amor pelo pai precisa também ser interdito. O pai deve fazê-la perceber que o seu amor é endereçado a uma outra pessoa (a mãe). Neste contexto entra o papel estruturante do psicomotricista relacional que atento às manipulações da menina deixa claro que o lugar ao seu lado é ocupado pela figura feminina, mesmo que ela não esteja presente na sessão. Isso possibilita à menina encontrar outras relações de amor. Se a menina se veste de noiva, por exemplo, o psicomotricista relacional jamais poderá brincar de ser o noivo. Deve encontrar para ela um noivo, menino ou um objeto que possa representá-lo (Fala de Leopoldo Vieira).

Leopoldo Vieira ressalta que a validação e o reconhecimento através do olhar masculino são fundamentais para garantir na mulher a afirmação feminina e que não há um modelo para a intervenção do Psicomotricista Relacional. A atuação dependerá da história da participante, aflorada no *setting* de trabalho, e da decodificação do profissional, que envolve os conhecimentos teóricos e práticos e a sensibilidade de separar as suas próprias projeções da necessidade de cada pessoa do grupo. Ele relatou um exemplo prático de sua experiência enquanto profissional em que o olhar masculino influenciara na afirmação da identidade feminina.

“O exemplo que trago aconteceu em um grupo de adolescentes. As moças enfeitaram-se com a ajuda da figura feminina presente e vivenciaram uma relação de identificação feminina. Fizeram-se bonitas e sensuais e compartilharam um momento de dança entre elas. A situação de cumplicidade feminina foi evidente, porém isso não bastou para a afirmação de suas identidades. A necessidade e o desejo de receberem sobre si o meu olhar masculino de reconhecimento da beleza feminina que nelas habitavam foi flagrante. A alegria que esboçaram ao sentirem-se aprovadas em sua feminilidade demonstrava que, a partir daquele momento, podiam arriscar em busca de outros olhares masculinos. Só depois que passaram por mim e se sentiram reconhecidas na sua capacidade de se tornarem belas e desejáveis, partiram para seduzir os meninos do grupo com brilho nos olhos e orgulhosas da sua leveza, de sua sensualidade, de seus movimentos, de suas vestes, assumindo assim seu poder de mulher” (Fala de Leopoldo Vieira).

CONCLUSÃO

lung (*cit in* Penna, 1989), expressando-se acerca da integração do *animus*, afirma que o principal conflito da mulher contemporânea intelectualizada é encontrar uma posição harmoniosa frente ao seu elemento masculino inconsciente. A dificuldade de equilibrar as energias femininas e masculinas na *psiquê* da mulher revela-se, de maneira bem significativa, nas suas experiências emocionais, as quais são percebidas e manifestadas corporalmente. Tal dificuldade deve estar aparente no modo como ela expressa a própria feminilidade e aceita as condições de seu corpo.

Neste estudo, realizado com jovens, houve a intervenção com o público feminino de forma que equilibrasse a vivência de cada uma e que elas viessem a aceitar as condições de seus corpos e expressassem a feminilidade, tão importante para a construção da identidade delas. O fato de também haver um olhar masculino terapêutico contribuiu para o contacto com a aprovação paterna, que talvez nunca tenha existido, e para que pudessem viver com expressividade e inteireza os conteúdos femininos da identidade, de forma autêntica e autônoma, com a validação, a valorização e segurança proporcionadas pelos adultos.

A Psicomotricidade Relacional é um método eficaz para proporcionar um equilíbrio e permite que se conheça o corpo nas várias relações, quer sejam perceptivas, imaginárias ou simbólicas, objetivando transformá-lo num instrumento de ação sobre o mundo e de relação e expressão com os outros. Subentende-se uma concepção holística de aprendizagem, com o corpo vivido e controlado, integrado e orientado no tempo e no espaço, disponível ao diálogo com os objetos e com os outros, que tem por finalidade associar dinamicamente o ato ao sentimento, ao pensamento, ao gesto, à palavra e o símbolo ao conceito (Vieira, Batista & Lapierre, 2005).

IDENTIDADE SEXUAL E PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL: UMA INVESTIGAÇÃO-AÇÃO COM ADOLESCENTES NO BRASIL

Assim, conclui-se que as figuras dos profissionais no *setting* da Psicomotricidade Relacional contribuíram realmente para a afirmação da identidade feminina e a harmonia das relações entre masculino e feminino, pela experiência vivencial do grupo. Também se conclui que as intervenções foram fundamentais para que as jovens atendidas se apropriassem do poder feminino, da feminilidade de forma saudável e equilibrada. É ainda importante destacar que este estudo não é fechado, é apenas o início de uma série de debates que poderão realizar-se sobre o tema, que é muito amplo e merece bastante atenção, incluindo a ampliação para os debates mais complexos na atualidade, com visão mais avançada em torno do gênero e de como os jovens vivenciam as suas próprias identidades na atualidade.

FINANCIAMENTO

Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho) com a referência UIDB/00317/2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bandeira, L. & Siqueira, D. A construção feminina no tempo. 2003. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys3/web/bras/deis1.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2005.
- Batista, M. I. B. Poder e Criatividade no Desenvolvimento de Talentos e Valores Individuais. 2001. Disponível em: <<http://www.ciar.com.br>>. Acesso em: 05 dez. 2005.
- Bleichmar, E. D. O feminismo espontâneo da histeria: estudo dos transtornos narcisistas da feminilidade. Tradução de Francisco Vidal. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1988.
- Bueno, S. Minidicionário da Língua Portuguesa. Ed. rev. e atual. São Paulo: FTD, 2000.
- Carvalho, C. de. Para compreender Sausurre: fundamentos e visão crítica. 7ª ed. rev. e ampl. com exercícios e um estudo sobre as escolas estruturalistas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- Lapierre, A. O Adulto diante da criança de 0 a 3 anos. Curitiba: Editora UFPR, 2002.
- Lapierre, A. & Aucouturier, B. A Simbologia do Movimento: Psicomotricidade e Educação. 3ª ed. Curitiba, PR: Filosofart Editora, 2004.
- _____. Fantasmas Corporais e Prática Psicomotora. São Paulo: Editora Manole Ltda, 1984.
- Lapierre, A. Da Psicomotricidade Relacional à Análise Corporal da Relação. Curitiba: Editora UFPR, 2002.
- O’Conner, T. (2002). Annotation: The “effects” of parenting reconsidered: findings, challenges and applications. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 43, 555-572
- Polanszky, G. O custo da pandemia sobre a saúde mental de crianças e adolescentes. *Jornal da USP*. São Paulo, 11 de maio de 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=321462>.
- Penna, L. Corpo sofrido e mal-amado: as experiências da mulher com o próprio corpo. São Paulo: Summus, 1989.
- Shonkoff, J. & Phillips, D. Committee on Integrating the Science of Early Childhood Development, eds. Washington, DC: National Academy Press; 2000. From neurons to neighborhoods: The science of early childhood development. (Disponível em: <https://www.nap.edu/catalog/9824/from-neurons-to-neighborhoods-the-science-of-early-childhood-development>)
- Turato, E.R. Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa. Petrópolis RJ.: Editora Vozes, 2003.
- Vieira, J. L., Batista, M. I. B. & Lapierre, A. Psicomotricidade Relacional: a teoria de uma prática. Curitiba, PR: Filosofart, 2005.
- Vieira, J. L. Entrevista concedida a Marcelino Viana da Silva Neto. Fortaleza, 19 dez. 2005.